

*ARGUMENTAÇÃO E PROGRESSÃO TEXTUAL EM PRODUÇÃO
ACADÊMICA: UMA ANÁLISE DE TEXTO DE ALUNOS DE LETRAS*

*ARGUMENTATION AND TEXTUAL PROGRESSION IN ACADEMIC WRITING:
ANALYSING TEXTS WRITTEN BY LETTERS STUDENTS*

Crislaine Lourenço Franco¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de texto argumentativo produzido por um calouro de Letras, buscando demonstrar como há uma forte relação entre a tipologia argumentativa e o modo como se realiza a progressão textual. Tendo como base a Linguística textual e a noção de tópico discursivo, a análise pontua que a consistência argumentativa é dependente da progressão tópica coerente e vice-versa.

Palavras-chave: Linguística Textual; Argumentação; Progressão.

Abstract: This article presents an analysis of argumentative text produced by freshmen of “Letras” (UFPR). It aims to show that there is a strong relation between the argumentative typology and the way the textual progression is realized. Based on Textual Linguistics and on Discursive Topic notions, the analysis points out that argumentative consistency is dependent of coherent topic progression and vice-versa.

Keywords: textual linguistics; argumentation; progression.

1. INTRODUÇÃO

“Letras” é uma área acadêmica na qual a escrita é essencial, uma vez que o curso proporciona aprofundamento de base teórica acerca da língua e de suas expressões,

¹ Mestranda em Letras, Estudos Linguísticos, UFPR.

buscando formar pessoas capacitadas para atuar em ambientes nos quais os textos estão presentes. Há uma expectativa em relação ao desempenho dessa atividade por um aluno que faz esse curso: esperamos que ele escreva bem e que domine as normas existentes para que a sua redação seja bem elaborada, isso sob o ponto de vista estético, gramatical e de sentido, sobretudo. No entanto, nem sempre é esse o contexto que encontramos, principalmente quando o aluno inicia o seu curso de graduação.

Neste artigo optamos por apresentar a análise de um texto argumentativo produzido por um calouro do curso de Letras, como atividade avaliativa realizada para a disciplina de Língua Portuguesa I. Baseando-nos na Linguística Textual e tecendo considerações sobre o Tópico discursivo, neste artigo analisaremos uma produção textual observando como o aluno realizou a progressão tópica e qual a sua relação com os problemas de argumentação. Nossos objetivos específicos foram: a) analisar a questão composicional dos textos no que diz respeito à argumentação consistente; b) relacionar a questão da argumentação com a progressão textual e c) mostrar como a articulação adequada entre topicalidade e argumentação é importante para a constituição do texto coeso e coerente.

Para tanto, partimos de algumas perguntas norteadoras: 1) o que os textos argumentativos do corpus realmente se propõem a defender? 2) Os argumentos utilizados são consistentes?, 3) Os problemas de progressão textual decorrem da falta de argumentação consistente? As respostas a esses questionamentos compõem a pesquisa. O texto aqui analisado foi feito como resposta à seguinte atividade avaliativa:

“Discutimos, até aqui, algumas questões relacionadas à língua em diferentes contextos sociais e os sentidos que ela produz acerca de seus usuários. Também os sentidos que os mesmos produzem acerca dela. Com base nessas discussões e nos conhecimentos que você tem sobre a língua, produza um texto argumentativo, discorrendo sobre o que é a língua para você, modos como você se relaciona com a norma padrão e as variantes informais, implicações que ela apresenta no seu cotidiano, instâncias em que ela se mostra como instrumento de poder e de discriminação. Enfim, discorra sobre os significados da língua em seu contexto social, procurando deslocar-se do lugar de simples usuário para o de alguém que é convidado a refletir sobre essa entidade tão nossa, a língua portuguesa.”

De acordo com a proposta, era preciso escolher um ponto de vista sobre o assunto e defendê-lo no seu texto, o qual deveria respeitar as demandas da tipologia argumentativa. Não bastava, portanto, descrever o que é língua, o que são variantes, etc., era preciso escolher uma posição diante dos fatos a serem discutidos na produção. A própria proposta apresentava exemplos do que poderia ser mostrado. Havia liberdade de escolha: somente era exigido um posicionamento crítico/reflexivo sobre o assunto, e também era pressuposto que se fizesse um recorte, uma vez que nem tudo dentro o sugerido poderia ser contemplado.

Embora existam essas várias opções para a elaboração do texto, não podemos descartar a ideia de que a própria proposta de produção apresenta incongruências que acabam direcionando o aluno para uma produção mais descritiva do que argumentativa. Não deixaremos de lado essa opção, mas optamos aqui por focar na questão de que a proposta pede um “texto argumentativo”. Mesmo assim, voltaremos a essa questão nas considerações finais.

2. PROGRESSÃO TEXTUAL/TÓPICA

No texto analisado, a progressão dos tópicos textuais apresenta problemas. Há uma quebra brusca e inadequada na continuidade do texto, e essa continuidade é estreitamente relacionada à manutenção temática do mesmo. Para aprofundar a questão, é necessário compreender como a progressão funciona e como a

argumentação pode ser decisiva para a compreensão, também é necessário conhecer a fundo o funcionamento do tópico discursivo.

Os textos são compostos de dois movimentos (desvinculados um do outro) em sua construção: a retroação (movimentos que retomam o que já foi dito) e a prospecção (movimentos que fazem o texto avançar). A progressão textual é, pois, um movimento de prospecção e, na definição de Koch:

[...] diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2009, p. 121)

Há vários mecanismos que garantem a sequenciação de um texto, ou seja, que garantem a manutenção de um “fio condutor” que permite a conexão entre as partes e a continuidade do texto. Dentre eles, temos os encadeamentos, a progressão temática e a progressão tópica. Aqui focaremos na progressão tópica por ela ser o objeto problemático de destaque na produção textual analisada.

Cada parte do texto é construída centrada em determinado assunto, o tópico do texto. As primeiras considerações teóricas acerca desse assunto surgiram, no Brasil, em 1992, com o grupo de Organização Textual Interativa do Projeto Gramática do Português Culto Falado (PGPF). Jubran define o tópico discursivo como sendo uma categoria abstrata, primitiva, e que “manifesta-se na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN et al., 2002, p. 344). Nessa ocasião, foram tecidas considerações acerca da conversação, pois o projeto era voltado para a caracterização do discurso oral.

No entanto, em 2006, a autora faz novas considerações teóricas sobre o tópico discursivo e propõe “a topicalidade como um processo constitutivo do texto” (JUBRAN,

2006, p. 40). Dessa forma, a noção de tópico discursivo passa a abranger também outros gêneros textuais, sejam eles falados ou escritos. Assim, buscamos aqui demonstrar em um texto escrito como pode acontecer a construção efetiva de um tópico discursivo. Para isso, é necessário conhecer também quais são as propriedades definidoras do tópico, que serão descritas a seguir.

De acordo com Jubran et al. (2002), há duas propriedades que definem um tópico textual e que permitem que seja possível fazer uma delimitação de segmentos tópicos do texto, além de caracterizar sua estrutura de funcionamento: a centração e a organicidade. A primeira é responsável por delinear o que poderíamos chamar também de “assunto” ou “tema” do texto e envolve

Concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados — implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem — pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;

Relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;

Pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem. (JUBRAN et al., 2002, p. 344)

Sabemos que em um evento comunicativo vários novos tópicos são introduzidos a todo o momento. Eles são organizados em níveis diferentes, nos planos hierárquico e linear. Esse é o fato característico da segunda propriedade, a organicidade. De acordo com a autora acima citada, há uma espécie de hierarquia na apresentação dos tópicos em cada evento comunicativo: “há como que camadas de organização, indo desde um tópico suficientemente amplo para não ser recoberto por outro superordenado, passando por tópicos sucessivamente particularizadores, até se alcançarem constituintes tópicos mínimos” (JUBRAN et al., 2002, p. 346). Tudo isso expressa o plano hierárquico que compõe o que chamamos de Quadro Tópico (Qt).

Cada Quadro Tópico é caracterizado pela centração em um tópico mais abrangente (Supertópico – St) e pela subdivisão interna desse supertópico em subtópicos (Sb). Já a organização sequencial do discurso (linear) é apresentada por

Jubran como constituída por dois fenômenos: a continuidade e a descontinuidade. A continuidade “decorre de uma organização sequencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um se dá após o fechamento do outro precedente” (JUBRAN et al., 2002, p. 346).

Já a descontinuidade ocorre quando há uma ruptura do tópico, antes mesmo do momento em que ele se fecha, para a introdução de uma digressão, explicação, etc. Esse mecanismo de descontinuidade não caracteriza um defeito do texto, mas sim uma atividade normal na escrita. É preciso ficar atento para que “não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico em andamento” (KOCH, 2009, p. 130). Portanto, para que o discurso esteja efetivamente organizado, rupturas de tópico precisam ser sinalizadas e só devem ocorrer quando necessárias.

Não é o que ocorre no texto analisado. Temos rupturas aceitáveis e algumas vezes até bem sinalizadas, mas que possuem sentido totalmente diverso do que é esperado. Em textos argumentativos, os argumentos devem estar bem conectados para que a tipologia dominante se efetive. O que acontece na prática não é bem isso, e as razões decorrem não só de problemas advindos da progressão, mas também da organização argumentativa dos textos, tema que será embasado teoricamente a seguir.

3. ARGUMENTAÇÃO

Partimos do pressuposto de que todo evento comunicativo é marcado pela argumentatividade, mesmo que o gênero textual não pressuponha a tipologia argumentativa. Isso acontece porque o ser humano está constantemente buscando que seu interlocutor partilhe de suas ideias, ou seja, os argumentos e os juízos de valor perpassam todo e qualquer discurso. De acordo com Koch “o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental” (1984, p. 19), já que todo discurso é baseado em uma ideologia.

Todo texto é perpassado por uma linha argumentativa, assim, o que se pretendeu com esta análise não foi um estudo detalhado da sequência argumentativa do texto (que envolveria a identificação de tese anterior, contra-argumentos, etc.), mas apenas um trabalho com o “projeto de dizer” do texto do corpus. Mais especificamente analisamos o que o texto se propõem a defender e como realiza isso. A identificação da tese central (o que é defendido pelo autor) e também a identificação dos argumentos foram procedimentos necessários para a composição da nossa análise. O foco se deu na observação de como inadequações na argumentação podem prejudicar a progressão do texto.

Sabe-se que “a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas” (KOCH, 1984, p. 23). Esse ponto de vista da autora é a base que norteia a análise, pois evidencia justamente a importância da orientação argumentativa para a progressão textual. O encadeamento dos tópicos deve ocorrer de modo a promover uma argumentação articulada, fato que proporciona a organização da unidade textual. Veremos então a seguir, na análise, como o texto apresenta essas questões.

4. TEXTO ANALISADO

O texto em questão não possui título e é composto por quatro parágrafos que apresentam várias ideias que podem até ser conexas, mas a forma como estão apresentadas não permite que possamos afirmar um sucesso na composição do texto. Uma leitura mais atenta permite que observemos uma tentativa de proposição de uma tese, mas a falta de argumentos consistentes e também o descompasso na apresentação de um fio condutor de ideias nos mostra como a tese não chega nem a ser apresentada.

A língua pode ser considerada como um código de comunicação, que pode ser transmitida através da fala ou escrita. Não se trata apenas de palavras, signos e/ou formas de expressão. É preciso que haja emissor e receptor para que a comunicação seja efetivada.

Vale ressaltar que a forma que vai ser utilizada para o uso da língua não é o que mais importa, visto que a essência do seu uso é efetivação da comunicação em si.

Como bem sabemos a língua pode ser “dividida” em culta ou informal. É utilizada de forma peculiar por usuários de cada região, classe social, nível escolar e até mesmo sexo. Nossa língua é tão rica que ela nunca é a mesma nas diferentes regiões que conhecemos, além de que com o passar dos tempos ela vai sofrendo alterações e enriquecendo cada vez mais. E todas essas mudanças e diferenças só refletem na nossa língua, a nossa rica e variada cultura.

Se nossa língua não existisse, não teríamos o prazer de ter palavras tão e somente nossas, como por exemplo, a palavra saudade. Pelo menos ela, a nossa língua, os portugueses trouxeram de bom e com o tempo ela foi se “abrasileirando” e possibilidades de criação de neologismos foram surgindo. Eis então que nossa língua passa a ser realmente nossa.

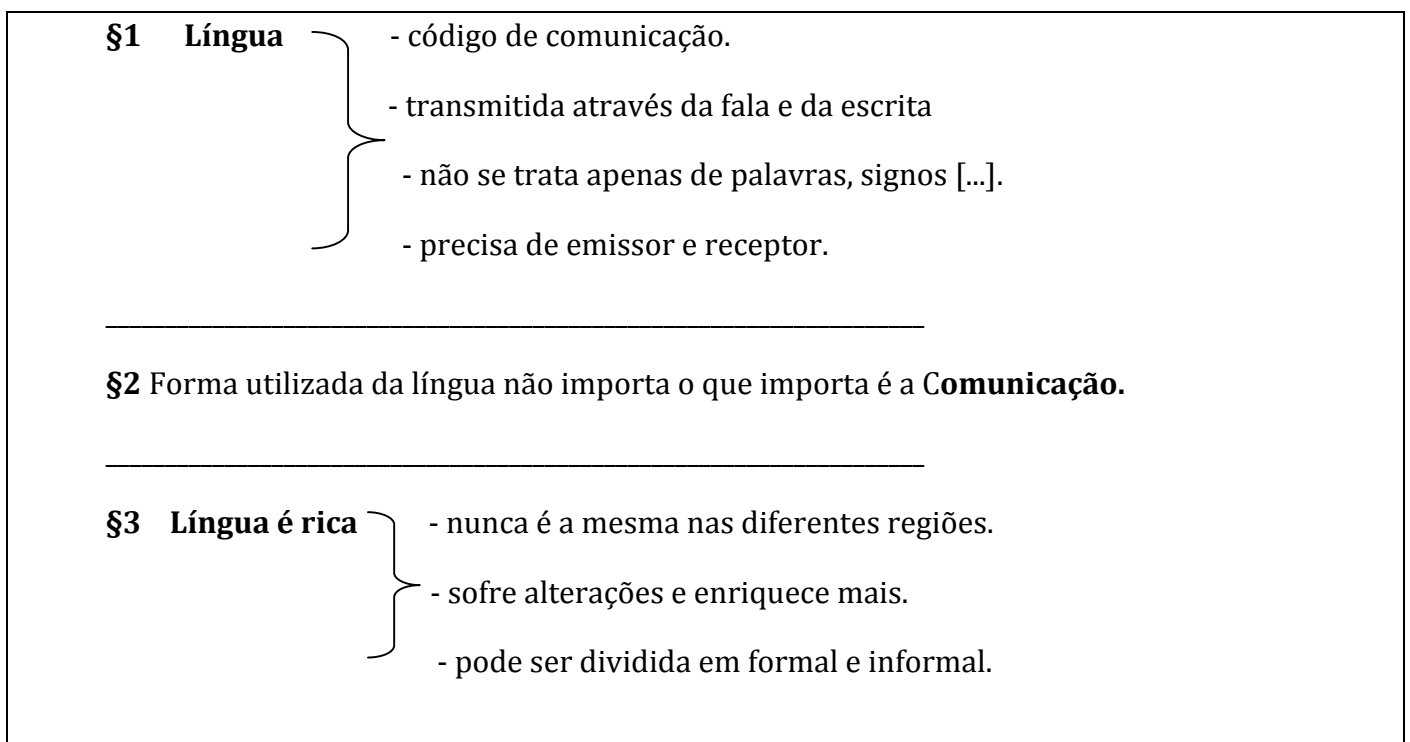
Como fica claro depois da leitura, vemos que o primeiro parágrafo é formado por uma exposição da caracterização da língua: ela é um código de comunicação, transmitida através da fala e da escrita, não é composta apenas de signos ou formas de expressão e necessita de emissor e receptor para que a comunicação aconteça. Temos aqui uma ideia recorrente sobre a questão da comunicação. Esperamos então que o texto desenvolva um ponto de vista seguindo essa linha, já que esse aparenta ser um tópico central (um supertópico talvez) que será complementado a seguir.

O segundo parágrafo começa com uma expressão de ênfase, “vale ressaltar que”, mostrando que o que será apresentado é importante. De fato, o que o autor ressalta é que a forma não tem tanta relevância no uso da língua, pois o que realmente importa é a comunicação efetiva. Assim, nesse ponto do texto, podemos assumir que esta é a tese: a comunicação é o ponto que importa nas discussões sobre língua. Esperamos então que argumentos que mostrem/comprovem essa ideia apareçam nos parágrafos

seguintes. Mas o que temos no terceiro parágrafo é mais uma descrição de um fato sobre a língua e que acaba não sendo conectado com o parágrafo anterior.

Nesse terceiro parágrafo, o autor expõe como a língua é rica em suas manifestações (caso das variantes) e fala que as alterações pelas quais a língua passa só a enriquecem mais. Aborda também no início uma divisão entre língua culta e informal. Nós, leitores, supomos que essa riqueza da língua, e também essa variedade de manifestações, tende a contribuir para a questão da comunicação (a suposta tese apresentada no parágrafo anterior), mas o texto não chega a fazer essa consideração.

Por fim, o parágrafo de fechamento das ideias apresentadas acaba mostrando um dado novo e completamente desconexo do anterior: o autor levanta a hipótese de como seria se nossa língua não existisse e o fato de como foi importante os portugueses terem trazido a língua ao país. O trecho aponta também que a língua foi se “abrasileirando” e se tornando “realmente nossa”. Observemos abaixo, no esquema do texto, como tudo isso fica apresentado.



§4 Se a língua não existisse não teríamos palavras como “saudade”.

Nossa língua } - os portugueses trouxeram de bom.
 } - ela foi se “abrasileirando”.

FIGURA 1: ESQUEMA DE ARGUMENTOS DO TEXTO

Fazendo agora uma segunda leitura, tentando responder às questões que foram aqui propostas, podemos construir algumas reflexões. A primeira pergunta, que consiste em que o texto realmente se propõe a defender, não é fácil de ser respondida. Isso acontece porque é difícil apontar o que o texto de fato defende. Podemos dizer apenas que o tópico geral do texto é a questão da língua. Esse tópico é desenvolvido, pois outros subtópicos são elencados. O problema reside no fato de que esses subtópicos acabam não se encadeando, devido à maneira como são apresentados. A conexão entre eles acontece apenas se o leitor, utilizando a o seu conhecimento enciclopédico, fizer as relações necessárias, ou seja, realizar um esforço de interpretação a fim de construir a coerência do texto. Isso é natural em qualquer produção, mas nesse caso se exige demais do leitor, já que é preciso preencher muitas lacunas de ligação. A progressão tópica é, assim, prejudicada.

Como não há uma linha de ideias que perpassa o texto, também é complicado avaliar a questão se os argumentos são ou não são consistentes. O maior problema é classificar como argumentos os fatos descritivos da língua. Se houvesse uma tese clara, os pontos descritivos poderiam funcionar bem, mas o que realmente vemos é que eles não funcionam como um conjunto que serve de base para a constituição de uma tese².

O texto acaba, então, não progredindo em termos de um texto de tipologia argumentativa. A terceira questão levantada nesse artigo – se os problemas de

² Embora a base teórica aqui apresentada proponha que todo evento comunicativo acaba sendo “argumentativo” (carregado de ideologia), estamos falando de tipologia textual, que nesse caso deveria se adequar aos pressupostos da argumentação efetiva, ou seja, apresentar o formato tese + argumentos.

progressão decorrem da falta de argumentos consistentes ou vice e versa – não pode chegar a ser respondida, pois desconsideramos o que foi apresentado pelo autor como argumentos do texto. Na verdade, a falta de comprometimento com o gênero acadêmico (com tipologia argumentativa) é um dos fatores que desencadeia a problemática aqui discutida. O que foi feito até esse ponto foi uma tentativa de preencher as lacunas deixadas pelo autor, mas o fato é que o excesso de desconexões exige que o leitor tenha que fazer muitas suposições e acaba prejudicando o andamento da leitura e da compreensão.

Podemos resumir o problema central aqui apresentado como sendo um caso de falta de uma centração tópica. Além disso, o autor também não adequou seu texto em relação à organicidade. Como ele acabou não apresentando unidade em relação à construção de cada tópico abordado, constatamos que não cumpriu com os requisitos principais da centração tópica que foram aqui apresentados: a concernência, que é a relação semântica entre os enunciados, a relevância, que é o foco dado ao tópico, e a pontualização, que é a localização do conjunto de referentes no texto. Assim, tivemos dificuldades em classificar os principais tópicos textuais já que nenhum deles é realmente concernente. Além disso, vemos que o texto não apresentou um supertópico e, conseqüentemente, os quadros tópicos não foram construídos. Em outras palavras, o que se vê são tópicos diversos desencadeados de um tópico central, assim, mesmo que haja uma relação semântica entre eles não há uma unidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo investigamos as relações entre a progressão textual e a argumentação em um texto acadêmico. A análise nos permite dizer que a progressão tópica é extremamente relacionada com a questão da defesa de um ponto de vista nos textos (de tipologia argumentativa). Podemos afirmar isso porque percebemos que no

texto analisado a progressão estava adequada apenas quando se admitia o texto como sendo descritivo ou expositivo (mesmo assim ainda encontramos problemas de coerência). Quando classificamos o mesmo texto como argumentativo (através do uso de inferências na hora da leitura, além de esforço interpretativo) nos deparamos com barreiras na progressão, uma vez que o texto não apresentou argumentos.

Os objetivos específicos para que se chegasse a tais considerações foram cumpridos, dentre eles tínhamos o compromisso de analisar a questão composicional (a questão argumentativa), relacionar argumentação e progressão, além de mostrar que a articulação adequada entre a topicalidade e a argumentação é essencial para um bom texto. Escolhemos três questões norteadoras. Os resultados gerais dessas questões demonstraram que um dos problemas centrais dos textos foi a escolha de um ponto de vista a ser defendido. Isso prejudicou todo o andamento da composição, inclusive a adequação à tipologia.

Outro ponto importante de ser mencionado é o fato de que a análise dos esquemas dos textos nos mostrou que os tópicos centrais de cada parágrafo são relacionados semanticamente. Além disso, os textos não apresentam problemas de articulação textual, pois os conectivos são, de modo geral, bem empregados. O que demonstra que o problema de composição textual desse aluno é mais complexo, pois ele domina o assunto sobre o qual deve falar, mas não sabe adequá-lo ao gênero acadêmico e articulá-lo de acordo com a tipologia argumentativa. O que acaba acontecendo é que o aluno, dispondo de uma série de “conceitos” que julga relacionados entre si, acaba “recheando” o texto com tudo que considera que vai se enquadrar.

Verificamos também uma problemática com a proposta de produção do texto. Ela era longa e demandava um recorte por parte do aluno, ou seja, não era possível dar conta de todos os aspectos levantados, era necessária a escolha de um viés para que a argumentação fosse construída. Percebemos que a maneira como a proposta foi

apresentada possa ser o principal elemento problemático, pois a longa orientação acaba direcionando o aluno a uma produção mais descritiva. O que é reforçado pelo fato de que a argumentação é exigida apenas com a expressão “produza um texto argumentativo”.

Por fim, podemos afirmar que a ausência de tese no texto analisado e conseqüentemente a falta de conexão entre os subtópicos apresentados na produção, somados à problemática da proposta, foram os elementos que fizeram com que o texto apresentasse os problemas que foram encontrados na construção textual. Assim, reiteramos a importância da análise da situação composicional do corpus. O texto analisado era problemático, mas isso não significa que não haja produções que se aproximam mais do gênero solicitado. O professor, no papel de avaliador, deve sempre levar em consideração todas as questões aqui apresentadas, pois a escrita é uma atividade ativa e demanda que uma série de proposições sejam cumpridas. Devemos tomar como fundamental o fato de que o desenvolvimento da competência textual é adquirido em um processo contínuo e a academia pode/deve promover o aperfeiçoamento desse processo ao longo da formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

JUBRAN, C. C.S. et. al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado: Níveis de análise linguística*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 2002, v. 2, p. 359-439.

JUBRAN, C. C. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.